

Em torno de José Régio *Indagações do Humano e do Transcendente*

A exposição *José Régio Indagações do Humano e do Transcendente* configura uma boa resposta a um arrojado desafio intelectual que os seus autores decidiram concretizar. Saído, portanto, Isabel Cadete Novais e Manuel Matos Nunes por mais este árduo trabalho em prol da divulgação de Régio e do Centro de Estudos Regionais.

Quando refiro arrojado e desafio, além de demonstrar apreço pela presente mostra, elogio a coragem do empreendimento deste trabalho, dada a complexidade do conflito existencial patente na obra do autor, aqui tratado nas vertentes do ensaísmo, da escrita e das artes plásticas onde se destaca o poder idiossincrático e intrincado da sua, não por isso menos valiosa, produção.

De facto, para conhecer o valor da obra do autor de *Encruzilhadas* é indispensável pensá-la como uma amalgama coerente ou um continuum persistente, esquecendo perigosas fragmentações omíscuas do ideário global.

Ora, o projecto moral da produção regiana é, sem dúvida, a interpretação do sentido e do alcance da vida, visando a compreensão de si e dos outros, delineada numa insistente e quase frenética busca da totalidade. É justamente a utopia subjacente a essa busca a geradora do permanente conflito que enforma e informa a sua obra, exegese de si próprio e de toda a humanidade.

Apesar da sua tentativa de labor racionalista, o confronto consigo próprio e com os outros é permanente e manifesto no vulcão, grávido de erupções internas, que é a sua obra. Os paradoxos que lhe são inerentes contrariam o desejo de linearidade, lhança e autodomínio dando sequência à luta de forças opostas, geradora de indeterminações que agravam a conflitualidade. Heidegger, Kierkegaard, Montaigne, Nietzsche, Ortega y Gasset, Schopenhauer e Unamuno são seus cúmplices e, ainda que se afastando do nihilismo, Régio enuncia e denuncia intransponíveis dualidades como o são vida e morte, terreno e divino, matéria e espírito, plenitude e incompletude ou efêmero e eterno. Acresce o choque entre o eu e o mundo que, estabelecendo um pacto absoluto com a inteligência, se socorre assazmente da ironia, e assim avança no labirinto das contradições, sem apaziguar conflitos, e combatendo um desafio desconcertante e ex-cêntrico.

De tudo isto e muito mais dão conta Isabel Cadete Novais e Manuel Matos Nunes nos onze painéis que compõem esta mostra reveladora

de um profundo conhecimento da obra regiana, que os autores estruturam de forma a demonstrar a coerência existente em todos os géneros e linguagens cultivados pelo poeta. O crítico, o pensador e o artista convergem num percurso inteligentemente delineado revelador do "prisma de não sei quantas faces" de que Régio se reclama em *Colheita da Tarde*.

Estruturados em três colunas, os painéis se estabelecem diálogos entre optativas linhas de leitura, passagens de autocritica e teoria estética e produção literária e plástica bem seleccionadas e evidenciadas pelas alterações tonais da mancha gráfica.

É a voz de Régio que sua em todas e cada uma das linhas de leitura que descremino. As definições de "O sujeito", também enquanto "Eu Particular", "Eu Pessoa" e "Eu Universal ou Transcendente" (painéis 3 e 4), são teoricamente suportadas por passos de *Confissão dum Homem Religioso* e ilustradas por *Poemas de Deus e do Diabo*, de *Mas Deus é Grande*, *Páginas do Diário Íntimo* e *As Encruzilhadas de Deus*. Desenhos/ retratos de homens meditando no seu mundo interior, numa insinuação de conflito entre o trabalho manual e o mental, abrem ao isolamento usando metáforas que se tomariam determinantes na obra de Régio como são a das grades, do palhaço ou da encruzilhada.

Surge então o outro se em "O Pseudónimo: Busca da identidade e da notoriedade", através da descoberta de "O Outro" e da sua "Multiplicidade" que, não raro, "A Máscara esconde" (painéis 5 e 6) teorizados por obras já elencadas a que se junta o texto presencista "Literatura Lúbrica e Literatura Viva". Acrescem textos da referida revista, de *O Jogo do Cabra-Cego* e de *Biografia* repetindo-se os desenhos de seres apreensivos, quicá revoltados, com mais preocupações expressivas do que propejamente estéticas, num gongolizar desde a infância à adultícia.

É com "Humorismo Humano Transcendente" que se ousa combater o "Sentido Trágico da Vida" (painéis 7 e 8); estas linhas temáticas, apontando-se em obras atrás referidas a que acrescem passagens de *Colheita da Tarde*, *A Chaga do Lado*, *Cáctico Suspenso*, *Filho do Homem e Fado*, denunciam a conflitualidade existencial sendo acompanhados por desenhos de traço mais depurado e, talvez por isso, como é o caso de *O triste palhaço*, mais intensos porquanto que apreensão, mistério e angústia descubram encruzilhadas interiores.

"A superação do humano. A excecionalidade" até agora sempre vã, poderia concretizar-se em "Religiosidade: O Crei Não Crendo", mas a dialética "O Terreno/O Transcendente" lembra ao ser que antes de tudo é humano, que absoluto só mesmo o deus em que, aparentemente, não crê, e que jamais conseguirá superar a sua imperfeição e atingir o absoluto. Ao conflito existencial junta-se o religioso e o ser por aí fica abandonado mas nunca desistente como o provam passos de *Jacob e o Anjo* e desenhos duais insinuadores de desespero e persistência na indagação do sentido da existência e da finitude da vida.

Fundamentando-se, os vectores da autocritica e da teoria estética, sobretudo em *Confissão dum Homem Religioso* e *Páginas do Diário Íntimo*, Isabel Cadete Novais e Manuel Matos Nunes percorrem os vários géneros e linguagens do fazer regiano indagando, através da presente mostra, a complexa transcendência artística do autor de *A Velha Casa* e assim demonstrando que contra a imperfeição do ser se ergue a obra completa e perfeita.

Em nome dessa perfeição, deixo-vos as suas palavras triunfais em "Triunfo" de *Biografia*:

Um dia, os fúteis sons que eu hoje emprego
Talvez se volvem expressões leais,
E os meus olhos, monóculos de cego,
Multiplicam a luz como cristais.

Talvez, então, meu vão desassossego
Seja sede a beber cada vez mais,
E as minhas asas frustres de morcego
Subam no aral como as das águias reais.

Um dia, o domínio que me mascara
Talvez me caia aos pés; e eu me levante
No meu andar de glória e de desgraça.

Talvez o mundo, então, me volte a cara...
Mas só então, virado para diante,
Poderei ver o fundo à minha Tapal

Que assim seja.

NOTA

A exposição "José Régio Indagações do Humano e do Transcendente" inaugura no dia 26 de Novembro, às 17 horas, na Universidade Aberta, em Lisboa. A apresentação da exposição, que pode ser visitada até ao dia 7 de Dezembro, será feita por Isabel Ponce de Lóio.